Gabrielle Gonçalves de Carvalho

[gabriellegc@usp.br](mailto:gabriellegc@usp.br)

Roteiro de leitura

**A novela do Falcão em *Decameron*, de Boccaccio**

**Autor, obra e contexto histórico**

Giovanni Boccaccio foi um autor florentino que viveu entre os anos de 1313 a 1375. Dentre as obras que escreveu ao longo da vida, a mais conhecida é *Decameron*. Também ficou conhecido por ter sido o primeiro biógrafo de Dante, o primeiro comentador de *A Divina Comédia*, além das suas produções em língua vulgar e seus tratados em latim, escritos já no fim da vida.

Boccaccio viveu a pandemia de peste bubônica, denominada também “peste negra”, que assolou a Europa durante a Baixa Idade Média, especificamente a partir do ano de 1348. Por ter sido uma grande tragédia, esse foi um momento relevante na vida do autor pois perdeu muitos amigos e familiares, incluindo seu próprio pai. Além disso, o tema da pandemia foi o mote para a escrita de *Decameron*, a qual o autor iniciou no ano de 1349, tendo durado até 1353, com alguma variação na datação. O livro, portanto, pode ser considerado um livro que faz jus à memória dos que morreram durante a peste negra, mas também uma celebração da vida que se vivia antes da pandemia.

Além disso, *Decameron* é considerado o livro que inaugurou a escrita em prosa no Ocidente, além do gênero novela como o conhecemos. É uma das grandes obras da literatura mundial e já em seu tempo foi considerado “moderno” porque pretendia uma linguagem menos erudita que os escritos da época. Outra característica que levou a esse tipo de consideração são os temas abordados no livro, como o adultério e a crítica ao clero, os quais iam contra a moral cristã que regia a época. Por isso, sua circulação causou certa confusão em seu tempo e o livro chegou a ser proibido. Mas por ter agradado muitos leitores, voltou a circular em versões censuradas que continham apenas novelas que respeitam tal moral. A “modernidade” de *Decameron* também foi considerada por muitos o que abriu as portas na Baixa Idade Média para a literatura da renascença.

**A estrutura de *Decameron***

*Decameron* possui uma estrutura muito particular que se assemelha à do livro *As Mil e Uma Noites*. Como esse marco da literatura oriental, o livro do autor italiano possui uma moldura narrativa, ou romanesca - ou seja, na mesma história são narradas outras histórias. O livro se inicia com essa espécie de “proêmio” ou “introdução” no qual o autor começa descrevendo o cenário no qual acontecerá a história - Florença devastada pela peste. Essa passagem é bastante conhecida pela sua riqueza imagética.

Na mesma introdução, o autor também apresenta os personagens que compõem a moldura narrativa do livro: sete damas buscam abrigo contra a peste na igreja de Santa Maria Novella - a qual de fato existe hoje em Florença -, lá elas encontram três jovens e juntos decidem fugir de Florença para uma villa, ou seja, uma pequena propriedade rural localizadas nas montanhas não muito longe da cidade. Esses dez jovens mais alguns criados passam então a conviver nesse espaço. Para organizar essa convivência, Pampinea, uma das sete damas, tem a ideia de que, entre duas refeições no fim da tarde, esses dez jovens se reúnam em roda na parte de fora da casa, ao lado de uma fonte, para contar histórias. Assim é que surgirão as novelas, as quais também compõem o livro.

A organização dessa contação de história é feita da seguinte forma: a cada dia é eleito um rei ou rainha da jornada, a qual escolhe o tema das histórias que serão contadas. Em cada jornada, cada jovem deve contar uma história. Isso dura até o momento em que todos os jovens foram reis ou rainhas, de maneira que no fim do livros temos cem novelas. O título “Decameron” vem do grego “dez jornadas” e faz referência a essa organização.

É interessante que cada um desses jovens possuem “temperamentos” que refletirão no conteúdo das histórias que contarão, temperamento este que pode ser entrevisto pelo significado de seus nomes. Por exemplo, um dos jovens é chamado Filostrato, que em grego significa “o arrasado pelo amor”. Dioneo, que tem como significado de seu nome “o luxurioso”, fazendo lembrar até mesmo o nome Dionísio, deus da mitologia grega. Suas histórias portanto terão um tom mais licencioso, ou luxurioso.

Além disso, as histórias contadas por esses jovens são consideradas uma “prosa realista”, por tratarem principalmente de aspectos da vida cotidiana social e moral de seu tempo. Algo que muito tem a ver com o burburinho causado no momento em que *Decameron* começou a circular. Os vícios humanos é a matéria de se faz as novelas. Maurício Santana Dias, tradutor da edição do livro para a editora Cosac Naify, publicada em 2013, escreveu um prefácio, chamado “O mundo que Boccaccio inventou”, no qual destaca características relevantes para se pensar a obra e também a novela que se propõe analisar neste trabalho: “[...] as grandes forças que movem Decameron de Boccaccio são o amor e o engenho humanos. Diante do imponderável da fortuna, são essas virtudes, ou a ausência delas, que conduzirão o destino dos personagens.” (2013, p. 18). Essa forças citadas por Santana Dias muito se relacionam com a novela da qual vamos tratar.

**A novela do falcão e o gênero novela**

A novela do falcão faz parte da quinta jornada do livro, ou seja, o quinto dia. A rainha dessa jornada é Fiammetta, que também é a narradora da novela em questão. Esta conta a história de Federigo degli Alberighi, um nobre florentino que perdeu toda a sua fortuna em cortesias para chamar atenção da mulher amada, Monna Giovanna, que não lhe correspondia e não se importava com seus feitos. Após perder todo seu dinheiro, restou-lhe apenas uma propriedade rural e um amado falcão, que era considerada a ave mais bela de todas.

Federigo degli Alberighi ama sem ser amado, gasta sua fortuna em cortesias e ao final só lhe resta um falcão. Recebendo uma visita imprevista da amada e não tendo o que lhe oferecer de almoço, prepara-lhe a ave. Ao saber disso, a mulher muda de ânimo, toma-o por marido e o torna rico. (2013, p. 90)

O trecho acima acima é uma espécie de resumo o qual se encontra no início de todas as novelas do livro. Como nas fábulas, esses resumos de maneira alguma prejudicam a leitura que será feita uma vez que essas histórias, provenientes de uma cultura marcadamente oral, são dadas como algo que já é conhecido por todos - assim como as fábulas, de certa maneira.

Após a leitura da novela do falcão, partimos para uma caracterização da novela enquanto gênero, de maneira que depois se analise estas características da história de Boccaccio.

O adjetivo “novela” vem do latim “novas leis”. Esse é um gênero literário de extensão média, intermediário entre o conto e o romance, mas para além disso, a novela possui características complexas no que diz respeito a sua estrutura narrativa. É um gênero que possui caráter exemplar, não necessariamente moralista, mas que visa passar um aprendizado.

Além disso, a novela possui um conflito central crescente, o qual tensiona outros pequenos conflitos e todos esses encadeados atingem um limite de tensão que leva a uma resolução. Esse é uma das características importantes do gênero: a de haver esse conflito principal ao longo de toda a história, o qual possui uma grande tensão envolvida. Por conta disso, é muito comum que se encontre na novela o chamado *turning point*, uma expressão da teoria literária que faz referência a um momento decisivo, ou ainda “de virada”, na narrativa. Ou seja, esse é o momento em que as tensões que giram em torno do conflito estão em seu auge de modo que os acontecimentos tomam um outro direcionamento, tenham uma mudança significativa. Porém, o caracteriza o *turning point* não é somente o ápice da tensão narrativa, mas o fato de que, ao se encaminhar a história, ela também caminha para a resolução do conflito. Ou seja, é o momento de virada mas também de desfecho da história.

Outra característica muito importante do gênero novela é a presença de um acontecimento inaudito ou símbolo inaudito. Ou seja, algo que dê à novela um caráter memorável, de maneira que seja sua maior referência. Esse mesmo acontecimento ou símbolo deve estar relacionado ao conflito central, operando de maneira encadeadora das tensões criadas ao longo da narrativa.

Todas essas características dão à novela um grande rigor estético-narrativo, uma vez que esse conflito central deve ser bem estruturado em uma extensão relativamente curta. Dessa maneira, alguns recursos que podemos encontrar nesse gênero literário são: antecipações, motivos condutores e uma coesão examinada - tudo isso colaborando para a manutenção desse conflito crescente e central.

Por esses motivos, o gênero novela está muito relacionada ao gênero dramático pois este último também gira em torno de um único conflito que caracteriza a história. Um bom exemplo de autor que escreve tanto novela como peças é o também italiano Pirandello.

Na novela do falcão, de Decameron é possível encontrar todos esses elementos de maneira bastante esclarecida. O conflito central da história é o amor devoto e não correspondido de Federigo por Monna, o qual, apesar das diversidades, continua igual em intensidade. Esse amor é também motivo da falência do personagem principal, o que nos leva ao símbolo inaudito da narrativa: o falcão, a única coisa preciosa que lhe resta após perder toda a sua fortuna; ave esta, vale dizer, que também é objeto de muito afeito do protagonista.

Todas as tensões encadeadas: a morte do marido de Monna, o reencontro dela e de seu filho com Federigo, e o adoecimento de seu filho nos levam ao *turning point* da novela: o momento que Monna Giovanna vai até a casa de Federigo pedir-lhe a única coisa preciosa que lhe resta pois esta também seria a única coisa possível de salvar o filho doente. Vemos a seguir a passagem específica em que o momento decisivo da novela ocorre:

Terminando o almoço e depois de se entreterem com falas amenas a mulher achou que já era o momento de revelar o motivo que a levara ali, e voltando-se benevolamente para Federigo, começou a falar: “Federigo, ao se recordar de sua vida passada e da minha honestidade, que talvez você tenha tomado por dureza e crueldade, não duvido que minha audácia lhe cause espanto quando eu lhe disser a principal razão que me trouxe aqui; [...] Ao ouvir o pedido da mulher e sabendo que não o poderia atender, já que lhe servira o falcão no almoço, desatou a chorar diante dela antes que pudesse dizer qualquer palavra. A princípio a mulher pensou que o choro derivasse sobretudo da dor por ter de afastar-se do bom falcão, e esteve a ponto de dizer que já não o queria; [...] Ao ver e compreender o fato, ela antes lamentou que Federigo tivesse matado tão nobre falcão para dar de comer a uma mulher; depois, intimamente admirou a grandeza de sua alma, que a pobreza não pôde nem poderia aniquilar. (2013, pp. 96-97)

Ao revelar o real motivo da sua visita, o qual não era sabido, o auge da novela começa a se criar. O momento exemplar do *turning* *point* é quando Federigo descobre que matou a única coisa que sua amada havia lhe pedido após tanto tempo o ignorando: o falcão. Porém, a maneira como essa notícia é recebida surpreende o leitor, pois Monna não tem a reação negativa que se espera de uma mulher que quer salvar seu filho adoecido. A personagem demonstra um sentimento negativo, que é a tristeza por ter matado “tão nobre ave” por uma mulher. Mas a atitude de Federigo, ao invés de fazer mal à amada, a impressiona, e o fim do trecho demonstra a outra característica do *turning point* depois do ápice da tensão: a resolução do conflito central.

O fim da novela se dá com Monna, retornada a casa dos irmãos depois da morte com seu filho. Viúva, tendo herdado todo o dinheiro de seu marido, recebe o pedido dos seus irmãos para que se case de novo. De primeiro momento o recusa, mas tendo os irmãos insistido, ela decide que se casaria apenas com um homem: Federigo degli Alberighi. Os irmãos, surpresos, com a escolha da irmã a pergunta porque ela quer se casar com um homem tão pobre. Ela então responde: “[...] antes prefiro um homem que necessite de riqueza, a uma riqueza que necessite de homem.” (2013, p. 97). Com essa frase que contribui para a característica do gênero novela em ser uma “história exemplar”, o desfecho se realiza de maneira mais exemplar ainda: Federigo e Monna se casam felizes, e ele, como tendo aprendido com seus exageros e seus gastos, viram um ótimo administrador.

Tendo identificado o momento do *turning point*, fica claro a importância do falcão como elemento narrativa da novela, uma vez que ele está relacionado com todos os “desdobramentos” do conflito central, ou seja, ele atravessa a questão do amor não correspondido de Federigo por Monna uma vez que: 1. ele é a única coisa que lhe resta após as cortesias exageradas que o fazem perder toda sua fortuna; 2. Ele é o motivo do auge do conflito central, uma vez que foi morto enquanto era necessário vivo; 3. É a resolução do conflito pois a atitude de Federigo de tê-lo matado faz com que Monna olhe para o homem com outros olhos. Dessa forma, o falcão se constrói como o símbolo inaudito que dá contorno à novela: o último sacrifício do homem para conquistar sua amada, uma vez que o tema da jornada na qual a novela se encontra é justamente é o do amor, que após muitos sofrimentos, finalmente tem um final feliz.

Sua imagem virou uma referência para análise do gênero e Paul Heyne, no prefácio da coletânea *Tesouro de novelas alemãs* *(Deutscher Novellenschatz)* de 1981, formulou o que ficou conhecido como a “teoria do falcão”.

***O ponto de vista na ficção*, Norman Friedman**

Friedman em seu texto *O ponto de vista na ficção* didaticamente explica e exemplifica os tipos de narração das obras literárias, um aspecto imprescindível para qualquer análise literária. Ao pensar no narrador de Decameron, e por consequência da novela do falcão, encontramos um certo nó na sua definição, uma vez que são narradores distintos. Como *Decameron* possui uma moldura narrativa na qual seus personagens contam histórias, há uma multiplicidade de narradores que poderia ser contada como onze: os dez jovens e os narradores da moldura. Essa diferenciação não acontece apenas no início do livro, em seu “proêmio”, mas também durante o início das novelas, quando os narradores-personagens, por assim dizer, iniciam sua narrativa após uma afirmação “vou-lhes contar uma história”:

Filomena já havia parado de falar quando a rainha, percebendo que todas, exceto Dioneo - por seu privilégio - haviam contados suas novelas, disse com o rosto sorridente: - Agora cabe a mim tomar a palavra, e eu queridas amigas o farei de bom grado narrando-lhes uma história [...]. (2013, p. 91)

Dizer aqui que os dez jovens são narradores-personagens não significa dizer que eles participam da história que narram. Ao contrário, sua narração acontece da mesma maneira que a da moldura do livro: distanciada e impessoal.

Após as leituras tanto da moldura como das novelas, fica claro que todos os narradores do livro são do tipo “narrador onisciente neutro”, como formulado por Friedman. Isso porque, segundo o texto do autor (2002, pp. 174-175), narram de modo impessoal fazendo o uso da terceira pessoa, além de descreverem a maior parte da ação e das falas das personagens das novelas através da sua própria voz. O uso do discurso direto na novela do falcão é relativamente presente, mas isso também caracteriza esse tipo de narração, uma vez que o narrador onisciente neutro também faz uso tanto da cena quanto do sumário.

A complexidade dos narradores de *Decameron* se dá justamente pela sua moldura narrativa. Mas basta entender que a narração dos jovens personagens se inicia dentro de um discurso direto, um travessão, pois a contação de histórias que acontece no livro está diretamente ligada ao relato, à cultura oral.

**Referências Bibliográficas**

Andrade Souto-Maior, Valéria*. “*O Papel do Falcão na ‘Novela do Falcão’ de G. Boccaccio”. *Revista de Letras*. n. 3, 2000. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2283>

Boccaccio, Giovanni. *Decameron* (trad. Maurício Santana Dias). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Friedman, Norman. “O Ponto de Vista na Ficção” (trad. Fábio de Melo). São Paulo,

Revista USP, 2002.

Caeiro, Olívio. “Formas da ‘narrativa enquadrada’ na novela alemã do realismo poético”. *Revista Língua e literatura*, n. 2, 1973. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/115702>